



Sinodalidade e missão na perspectiva trinitária do Decreto Conciliar *Ad Gentes* 2-4

Synodality and mission in the trinitarian
perspective of the Conciliar Decree *Ad Gentes* 2-4

*Ademir Eing**

FACASC

Recebido em: 06/07/2022. Aceito em: 29/08/2022.

Resumo: *Há uma empresa comum a todos os batizados, membros da Igreja: a missão que o Senhor lhes confiou de difundir no mundo o Reino de Deus. A missão consiste num movimento que, originando-se no Pai, extrapola quenoticamente os “limites” da intimidade trinitária, com o derramamento do Espírito Santo e a encarnação do Verbo Eterno. Este movimento, protagonizado pelo Espírito, vem ultrapassando as barreiras de espaço e de tempo e visa atingir toda a criação, para nela difundir, inculturadamente, a dinâmica da recriação que tudo faz convergir a Cristo, gerando comunhão. Este artigo, de cunho bibliográfico, tem presente o recrudescimento de uma tendência eclesial de fuga mundi marcadamente neo-clericalista. Ele também considera, a partir da Escritura e da Tradição, do Magistério e de teologias atuais, a sinodalidade na perspectiva da comunhão que culmina na missão. O artigo visa apontá-la como o modus operandi da comunhão na missão. Almeja-se que, em vez da deriva neo-clericalista, se promova a interação missionária, orgânica e corresponsável, de todas as forças carismático-ministeriais concedidas à Igreja.*

Palavras-chave: *Sinodalidade. Missão. Trindade.*

Abstract: *There is a common enterprise for all the baptized, members of the Church: the mission that the Lord has entrusted to them to propagate the Kingdom of God in the world. The mission consists of a movement that, originating in the Father, quenotically extrapolates the “limits” of trinitarian intimacy, with the outpouring of the Holy Spirit and the incarnation of the Eternal Word. This*

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba, PR, 2019). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália, 2006). Bacharel em Teologia (Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, Florianópolis, SC, 1992). Bacharel em Filosofia (Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, 1987). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC).

E-mail: adeing@libero.it.



movement, led by the Spirit, has been overcoming the barriers of space and time and aims to reach all of creation, to spread in it, inculturated, the dynamics of re-creation that makes everything converge to Christ, generating communion. This article, of a bibliographic nature, bears in mind the escalation of an ecclesiastical tendency of fuga mundi markedly neo-clericalist. It also considers, based on Scripture and Tradition, the Magisterium and current theologies, synodality in the perspective of communion that culminates in mission. The article aims to point it out as the modus operandi of communion in mission. It is hoped that, instead of the neo-clericalist drift, a missionary interaction, organic and co-responsible, of all the charismatic-ministerial forces granted to the Church can take place.

Keywords: *Synodality. Mission. Trinity.*

Introdução

Ante a tendência de retrocesso eclesial atualmente verificada e o despertar de um neo-clericalismo que o caracteriza, a contínua conversão da Igreja para a sinodalidade, a fim de que um número sempre maior de batizados e batizadas sintam-se Igreja e participe comunalmente da missão, é um clamor justo e oportuno que ecoa de diferentes setores eclesiais.

Devido a este fenômeno do retrocesso eclesial, este artigo, sobre sinodalidade e missão, tenciona demonstrar que a sinodalidade é necessária à expressão e efetivação da comunhão na missão. Com efeito, toda a Igreja é um mistério de comunhão ministerialmente disposto à missão. A efetiva e corresponsável participação de todo o povo de Deus na missão não é apenas conveniente. Ela é imprescindível para que o Evangelho, destinado ao mundo inteiro, atinja todas as suas realidades em todos os seus meandros.

Com este intuito, de início e brevemente, procura-se individualizar clamores que ecoam dos campos da missão, na América Latina e no Caribe, sinais dos tempos presentes. Depois, lançando mão das Escrituras Sagradas, dos magistérios conciliar, pontifício recente e episcopal latino-americano, bem como de escritos teológicos modernos de comprovada relevância, busca-se, primeiramente, compreender a missão como um movimento que se origina na imanência trinitária e, conduzido segundo a dinâmica da vida intradivina, prolonga-se entre os seres humanos, destinando-se à implantação do Reino de Deus no mundo, sobretudo, através da Igreja. Em seguida, apresenta-se a sinodalidade como o *modus operandi* habitual de convergir as diversas forças eclesiais para a missão, de modo que todos concorram para o mesmo fim: o Reino de Deus.



O artigo versará brevemente, no primeiro capítulo, sobre os clamores que se levantam para que a Igreja não ceda à tentação da deriva tradicionalista. Esta significaria um recuo ao enclausuramento anti-modernista, no qual ela se compreendia como sociedade desigual, imediatamente distinta pela divisão entre clérigos e leigos: *societas perfecta, societas inaequalis seu hierachica*.

No capítulo dois, procura-se recordar os ensinamentos do Concílio sobre a Igreja como ícone da Trindade, *Ecclesia de Trinitate*, e portanto, como Comunhão na vida e na missão. Os capítulos de três a cinco versam sobre a missão da Igreja, desdobrando os ensinamentos magisteriais do Concílio Vaticano II, nos números 2, 3 e 4 do Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja. O capítulo seis volta-se à sinodalidade, apontando-a como constitutiva da Igreja entendida como missão.

1 Por uma Igreja sinodal

No pontificado de Francisco, a necessidade de superar a autorreferencialidade eclesial, com vistas ao efetivo engajamento de todas as forças carismático-ministeriais da Igreja na Missão, tem sido constantemente recordada. Para o bispo de Roma, a sinodalidade, como caminho conjuntamente percorrido, é um meio tradicional e, hoje, particularmente necessário à superação desta persistente tentação eclesial de viver em função de si mesma.

A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, acontecida em novembro de 2021, aponta desafios para orientar e motivar a missão eclesial no continente. Ouvir o grito dos pobres, excluídos e descartados, pois persiste a urgência de defender a vida frente às injustiças sociais e eclesiais e todas as formas de ameaças, desde a sua concepção até o seu fim natural. Reafirma-se a promoção da ecologia integral e a defesa da vida dos povos nativos e afrodescendentes. Volta o clamor pela valorização do laicato, sobretudo dos jovens e das mulheres, reconhecendo-os como agentes de transformação na Igreja e na sociedade. Recomenda-se aumentar a formação, sobretudo da sinodalidade, para fomentar a comunhão entre as diversas expressões da ministerialidade eclesial, que combate o clericalismo e favorece a conversão pastoral; para tal, indica-se também a reforma dos itinerários formativos dos seminários.



Enfatiza-se, enfim, a necessidade de promover, transversalmente, um encontro pessoal com Cristo encarnado na realidade do continente¹.

A missão é o que define de maneira mais profunda e radical a identidade da Igreja, pois é sua razão de ser, diz-nos o episcopado latino-americano e caribenho no *Documento de Aparecida*². Citando esse mesmo documento, o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, reafirma: “Não podemos ficar tranquilos, em espera passiva em nossos templos”³. A firme decisão pela missão “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e planos pastorais”⁴.

Os sinais de um forte movimento de retrocesso eclesial em andamento estão por toda parte e são bem percebidos pelos católicos brasileiros, como atestou a pesquisa *O novo rosto do clero – Perfil dos “padres novos” no Brasil*.

*Com relação aos ministros ordenados, a principal queixa é o clericalismo, a falta de acolhida pessoal e a falta de presença nas famílias, em resumo, desejam padres mais pastores do que administradores e ministros do culto. Na linha de reivindicação de maior participação do laicato, alegam que mudança importante de estruturas na Igreja é fazer funcionar nas comunidades os conselhos e as assembleias*⁵.

Entende-se que um forma de corresponder a estes clamores, que ecoam dos campos da missão e constituem autênticos sinais dos tempos presentes, é através da reflexão teológica. Uma reflexão que se volte, primeiramente, à missão como uma empresa eminentemente comunitária, por se radicar tanto no ser quanto no agir da Trindade; mas que se volte também à necessidade da sinodalidade para a efetivação da comunhão na missão.

¹ ASSEMBLEIA Eclesial aponta 12 desafios pastorais para a Igreja na América Latina e no Caribe. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/assembleia-eclesial-aponta-12-desafios-pastorais-para-a-igreja-na-america-latina-e-caribe/>. Acesso em: 31 jan. 2022

² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2007. p. 170; DAp. 373.

³ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 18; EG 15. DAp 548.

⁴ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 168; DAp. 365.

⁵ BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil do padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.



2 Ícone da Trindade, a Igreja é comunhão na vida e na missão

“Deus é amor”.⁶ É por isso que, sendo uno, é também trino. Com efeito, só há amor onde há pessoas que se amam. Há, portanto, pessoas em Deus. O Deus uno é uma trinitária comunhão de Pessoas que se amam. A Trindade imanente é amor; sua vida é comunhão. Deus é comunhão de vida no amor. A Igreja nos assegura que este Mistério é o ensinamento mais fundamental e essencial na fé cristã⁷.

*Aprouve a Deus chamar os homens a esta participação na sua vida, não só de modo individual e sem qualquer solidariedade mútua, mas constituindo-os num povo, em que os seus filhos que estavam dispersos, se congregassem em unidade*⁸.

Também para nós, Deus é amor, pois não foi por necessidade que ele nos criou. Criou-nos gratuitamente. Foi por amor que “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”⁹. Para nós, Deus é Amor que extravasa. De fato, “ele amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”¹⁰. Além disso, “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”¹¹.

Deus age segundo o que é! Em Deus, não há inconsistências. Nele, o fazer segue o ser. Portanto, tanto a contemplação do *Mysterium Trinitatis*¹² ilumina a compreensão do *Mysterium salutis*¹³, quanto a contemplação da ação de Deus na História humana, transformando-a em História da Salvação, ilumina o esforço humano de penetrar mais

⁶ BÍBLIA de Jerusalém. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985; 1Jo 4,8; 4,16.

⁷ Cf. CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: Edições CNBB, 2013. p. 89; CIC 234.

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 431-489. p. cit. 433; AG 2. CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 101-197. p. cit. 112; LG 9.

⁹ Gn 1,27.

¹⁰ Jo 3,16.

¹¹ Rm 5,5.

¹² Mistério da Trindade.

¹³ Mistério da salvação.



profundamente no Mistério da Trindade. “A Trindade econômica é a Trindade imanente”¹⁴.

O Filho enviado “é a Imagem do Deus invisível”¹⁵. Criados segundo a Imagem, nós fomos feitos para amar. Portanto, “caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor”¹⁶.

Fomos todos chamados à vida para amar. É por isso que o Pai nos quer no seu povo, a Igreja, o “nós” dos cristãos. Com efeito, Jesus morreu “para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos”¹⁷.

Deste modo, já no início, Deus estabeleceu com seu povo escolhido, Israel, uma aliança. “Isso aconteceu como preparação e figura daquela aliança nova e perfeita, que haveria de selar em Cristo Jesus”¹⁸. Então, ao chegar a plenitude do tempo, além de enviar o seu Filho nascido de uma mulher, Deus enviou também “aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai!”¹⁹.

O Espírito leva a Igreja “à união consumada com o seu Esposo. Pois o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: ‘Vem’ (cf. Ap 22,17)”²⁰. Unida a Cristo pelo Espírito, a Igreja já está, de alguma forma, inserida no mistério da Trindade. Eis porque o Concílio do Vaticano II declarou, com palavras proferidas por São Cipriano, no século III, que “a Igreja universal aparece como o ‘povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’”²¹.

Manifestando-se assim, a Igreja torna-se “um sinal erguido entre as nações”²², “sacramento universal de salvação”²³. Na solenidade da Santíssima Trindade, a Igreja entoia unânime os seguintes versos do salmo 32:

¹⁴ RAHNER, Karl. *O Deus trino, fundamento transcendente da História da Salvação. *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Vol. II / 1. Petrópolis, 1972. p. 283-310.*

¹⁵ Cl 1,15.

¹⁶ 1Jo 4,7-8.

¹⁷ Jo 11,52.

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 113; LG 9.

¹⁹ Gl 4,4-6.

²⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 104; LG 4.

²¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 104; LG 4.

²² Is 11,12.

²³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 172, 102, 114; LG 48,1,9.



*⁶A Palavra do Senhor criou os céus,
e o Sopro de seus lábios, as estrelas.
⁹Ele falou e toda a terra foi criada,
ordenou e as coisas todas existiram.*

O Senhor Deus falou e ordenou, e então, através da Palavra e do Sopro, criou todas as coisas que existem, tanto nos céus, quanto na terra. Tudo procede do Pai. Ele desencadeia, no interior da Trindade, um movimento que, através do Espírito e do Verbo, continua exteriormente.

*¹⁸Mas o Senhor poussa o olhar sobre os que o temem,
e que confiam esperando em seu amor;
¹⁹para da morte libertar as suas vidas
e alimentá-los quando é tempo de penúria²⁴.*

O Senhor Deus, movido exclusivamente por amor, através da Palavra e do Sopro, recria todas as coisas, liberta as vidas humanas da penúria e da morte. Também o processo econômico é iniciativa do Pai. Através daqueles que dele procedem, seu amor misericordioso extrapola o âmbito trinitário. Deus para nós, é comunhão na missão. A Trindade santa está, toda ela, comprometida e envolvida na obra de nos libertar.

Vocacionada a ser ícone da Trindade, a Igreja é convidada a se inspirar no modo de ser e agir divinos. Sendo um povo congregado na amorosa comunhão trinitária, ela só age missionariamente quando o faz em comunhão e por amor. A Igreja realiza sua missão à medida que se torna ícone da comunhão trinitária.

3 O desígnio do Pai, origem da missão

Como apenas visto, é por originar o Filho e o Espírito que o Pai os envia. A Encarnação e o Pentecostes, eventos pelos quais Deus se comunica a nós, estão em relação com as processões pelas quais as Pessoas têm suas origens numa outra, o Pai, pois, em Deus o fazer segue o ser.

A missão vincula-se a quem envia, por isso o Filho e o Espírito Santo vêm inaugurar o Reino do Pai, realizar seu desígnio. Jesus Cristo, o

²⁴ SI 32,18-19.



Verbo encarnado, é missão! “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra”²⁵. O Espírito, Amor derramado, é missão²⁶! “Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito Santo, e sua fama espalhou-se por toda a região circunvizinha. Ensinava em suas sinagogas e era glorificado por todos”²⁷. O Ressuscitado, ao confiar à comunidade dos seus discípulos e discípulas a missão que recebera do Pai, comunicou-lhe também o Espírito: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’²⁸. O Filho e o Espírito, com a colaboração da Igreja, continuam expandindo as fronteiras do Reino de Deus, o Pai.

O Vaticano II efetivamente afirmou que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo”²⁹. Ecoando esta afirmação conciliar da missionariedade intrínseca da Igreja, por ter sua fonte na vida da Trindade, o episcopado latino americano, reunido em Aparecida, também declarou que a missão “é a razão de ser da Igreja e que define sua identidade mais profunda”³⁰. A missionariedade é, então, o que constitui mais radicalmente a Igreja. A Igreja é missão! Por isso, para a Igreja, a autorreferencialidade é negação de si.

²⁵ Jo 4,34. “Paulo (Rm 8,3; Gl 4,4) e os evangelhos sinóticos já viam Jesus como enviado do Pai, mas João não cessa de insistir nisso (3,17; 5,24.36-38; 8,42; 9,7; 11,42; 17,8.21-25). Cristo vem do Pai (3,31; 6,46; 7,29; 8,42; etc.), desce do Pai (3,34; 7,16; 8,26-28; 12,49-50; 14,24; 17,8.14); ele faz a vontade do Pai, aqui, as obras do Pai (9,4; 10,32.37; 14,10). A fé (3,12 +) consiste em reconhecer nele aquele que o Pai enviou (7,28-29; 17,21.25; 19, 9 +). Os apóstolos serão, mais tarde, associados à missão do Filho (13,20; 17,18; 20,21; cf. 17,20 + ; At 1,26 + ; 22,21 + ; Rm 1,1 +).

²⁶ “O Antigo Testamento hebraico tem trezentos e oitenta e nove ocorrências deste termo [*Ruah*]. Destas, aproximadamente cento e sete referem-se à atividade de Deus no mundo da natureza e na vida da humanidade. Nestas passagens, *rûah* é traduzido por ‘Espírito’ e indica a atividade do Espírito de Deus”. HIDE-BRAND, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 19. No Novo Testamento, é o evangelista Lucas que indica “de forma mais evidente a união entre Cristo e o Espírito, ao mesmo tempo em que é destacado o papel condutor que o Espírito exerce na obra do Senhor”. RIVAS, Luis Heriberto. *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 64.

²⁷ Lc 4,14-15.

²⁸ Jo 20,21-22.

²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 433; AG 2.

³⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 170; DAP. 373.



A dinâmica pela qual a Igreja propaga a si e ao Reino se liga, portanto, para além de um ato institucional e de um mandato³¹, à vida intradivina que é comunal.

Disto conclui-se que:

3.1 Toda a Igreja é missionária

Ela é toda missionária não apenas por ter sua origem na missão das duas Mãos com as quais Deus Pai realiza seu desígnio no mundo³². Mas também, porque sua consumação coincidirá com o pleno cumprimento desta mesma missão³³.

A Igreja é missionária por sua origem e por sua própria natureza, tomando uma e outra do movimento pelo qual Deus se comunica à sua criatura, movimento que realiza pelas missões do Filho e do Espírito e tem, assim, sua origem na comunicação de vida das processões trinitárias. A Igreja é, no mais íntimo de si, movimento de comunicação, até que tudo esteja repleto do que é chamado a receber: a Vida³⁴.

Somente quando Deus for tudo em todos³⁵, a Igreja concluirá sua missão, pois, então, todos estarão repletos do Espírito Santo, a Vida, reconfigurados ao Filho, em torno do Pai. Mas, enquanto houver humanidade carente da Vida, a Igreja toda será um movimento pelo qual o Pai e o Filho comunicam o Espírito, “Senhor que dá a vida”³⁶.

Evocando um princípio comum no século XII, “o que toca a todos, por todos deve ser tratado e aprovado”³⁷, somos levados a concluir

³¹ Mt 28,16-29; Mc 16,14-20; Lc 24,44-49; Jo 20,19-23; 21,15-17. Nos quatro evangelhos, essas passagens indicam, devidamente contextualizado num ato institucional, o mandato missionário do Resuscitado à sua Igreja.

³² Cf. DE LION, Irineu. *Contra as Heresias*. 4, Intr. 4; 4,20.1; 5,6.1; 5,28.4. São Paulo: Paulus, 1995. p. 367, 427, 530.

³³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 103; LG 2.

³⁴ CONGAR, Yves M.-J. Principes doctrinaux. In: CONGAR, Yves M.-J. (org.). Vatican II: l'activité missionnaire de l'Église. Col. *Unam Sanctam* 67. Paris: Cerf, 1967. p. 185-221. Trad. EING, Ademir. Florianópolis: FACASC, nov. 2018, p. 2, inédito.

³⁵ Cf. 1Cor 15,28.

³⁶ “Dominum et vivificantem”. Símbolo niceno-constantinopolitano.

³⁷ Em sua obra *Jalons pour une théologie du laïcat*, Congar, querendo exprimir o exercício comunitário da vida e da autoridade eclesiais relançou “o termo colegialidade: estudei-o numa das suas mais ousadas formulações, como era frequentemente proposto no século XIII: ‘Quod omnes tangit, ab omnibus tractari et approbari debet’”. CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Jalons pour une théologie du laïcat*. Paris: Cerf, 1969. p. 86-87.



que, como a missão concerne a todos, todos são, cada um a seu modo, corresponsáveis por tudo o que a ela se refere.

3.2 Missão é presença

O Filho e o Espírito estiveram presentes ao Pai desde toda a eternidade, por uma presença de causalidade e, já às vezes, por uma presença de graça. Mas, o Filho ao se encarnar e o Espírito ao se manifestar passaram a ser, para o Pai, uma presença nova e também diferente³⁸.

Para a Igreja, igualmente, a missão é ser uma presença sempre nova. Nova onde estava ausente, por ser a portadora da Boa Nova do Reino de Deus, a maior novidade. Mas, presença nova também onde já estava presente. Nesse caso, nova porque *semper reformanda* e, como tal, sempre diferente³⁹. A renovação é, pois, exigência da missão. Sem renovação, as incrustrações históricas se acumulam e impedem que a Igreja seja uma presença nova, diferente, atrativa. Uma presença capaz de transparecer a inexaurível novidade do mistério da comunhão divina. Mistério que lhe cabe reluzir, pois sua radical missionariedade consiste em ser presença que sinalize comunhão e, como tal, um icônico “sinal de contradição”⁴⁰.

3.3 Missão é presença eficaz

A missão visível do Verbo e do Espírito consiste em ser presença eficaz, pela qual algo de decisivo ocorre na História humana, tornando-a História de salvação. “O Filho do Homem não veio para que o servissem, mas para ser ele a servir e para dar até a sua vida em redenção por muitos, isto é, por todos (cf. Mc 10,45)”⁴¹. E, tendo assumido por inteiro a natureza humana, redimiu-a inteiramente⁴². Desse modo,

³⁸ CONGAR, 1967, p. 2.

³⁹ *Ecclesia semper reformanda est*. Esta expressão provém do contexto da reforma protestante, mas ressoou em âmbito católico no período preparatório ao Concílio Vaticano II. A *New Catholic Encyclopedia* utiliza a expressão ao abordar o tema *aggiornamento*. Indica-se, ali, que a renovação inaugurada pelo Concílio insere-se num processo histórico muito maior, cuja natureza evidencia-se nessa expressão latina. BULLMANN, Raymond. *Aggiornamento*. In: FASTIGGI, Robert (dir.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Gale, 2010.

⁴⁰ Lc 2,34.

⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 434-435; AG 3.

⁴² O Decreto AG (n. 3), sobre a atividade missionária da Igreja, invoca, genericamente, os “Santos Padres” para reafirmar o princípio da encarnação: “Não foi sanado o que não foi assumido por Cristo”. Na ordem pastoral continua válido, diz *Puebla*, “o princípio da encarnação formulado por Santo Irineu: ‘O que não é assumido não é redimido’”



*Aquilo que uma vez foi pregado pelo Senhor ou aquilo que nele se operou pela salvação do gênero humano, deve ser proclamado e espalhado até aos confins da terra (cf. At 1,8), começando por Jerusalém (cf. Lc 24,47), de modo que tudo quanto foi feito uma vez por todas, pela salvação dos homens, alcance o seu efeito em todos, no decurso dos tempos*⁴³.

No número seguinte do mesmo decreto conciliar, este dedicado à missão do Espírito Santo, afirma-se: “para isso, precisamente, enviou Cristo o Espírito Santo desde o seio do Pai”⁴⁴. Portanto, àqueles e àquelas aos quais enviaria o Dom de Deus, o Mestre, insistentemente, recorda a necessidade de serem uma presença operante, trabalhando na vinha do Pai, pois essa é a sua vontade⁴⁵. Recorda também que “a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos”⁴⁶, e diz claramente: “Eu vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes frutos e para que o vosso fruto permaneça”⁴⁷. Ele, contudo, adverte que a presença missionária de seus discípulos somente será eficaz se permanecerem unidos a ele, caso contrário, os frutos do labor não permanecerão: “Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque sem mim, nada podeis fazer”⁴⁸.

Além da comunhão consigo, Jesus também afirma a necessidade de seus discípulos e discípulas viverem entre si a comunhão no amor:⁴⁹ “Isto vos mando: amai-vos uns aos outros”⁵⁰. Sem comunhão no amor, com Jesus e com os irmãos e irmãs, o fruto produzido não permanece. Sem comunhão no amor, a presença missionária é ineficaz.

(n. 400). SUESS, Paulo. *Introdução à teologia da missão*: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 98.

⁴³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 435; AG 3.

⁴⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 435; AG 4.

⁴⁵ Cf. Mt 21,28-32.

⁴⁶ Lc 10,2.

⁴⁷ Jo 15,16.

⁴⁸ Jo 15,5.

⁴⁹ Trata-se de superar o neopelagianismo. Atitude esta abordada pelo papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. O “neopelagianismo auto-referencial e prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinária ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. São manifestações dum imanentismo antropocêntrico”. FRANCISCO, 2014, p. 62; EG 94.

⁵⁰ Jo 15,17.



Entretanto, somente se permanecerem unidos ao Mestre, os discípulos permanecerão unidos entre si e produzirão frutos que permaneçam.

*De fato, Jesus Cristo foi enviado ao mundo como verdadeiro mediador entre Deus e os homens. Como é Deus, nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Cl 2,9); e sendo o novo Adão pela sua natureza humana, é constituído cabeça da humanidade renovada, cheio de graça e de verdade (Jo 1,14)*⁵¹.

O texto em questão, *Ad Gentes* 2-4, mostra, então, que toda a ação missionária da Igreja para se propagar e expandir as fronteiras do Reino de Deus liga-se, não apenas àquele ato institucional pelo qual o Ressuscitado deu aos apóstolos o mandato de irem por todo o mundo; e nem mesmo liga-se apenas ao envio Verbo-Filho e do Espírito Santo. Para além disso, tudo o que a Igreja é com vistas à missão e tudo o que ela é chamada a fazer para colaborar na realização do desígnio do Pai liga-se à vida íntima da Trindade santa⁵².

Eis por que a missão da Igreja é, em última instância, levar todos à comunhão com Deus pela filiação divina e à comunhão entre si, promovendo a fraternidade universal⁵³. Por outro lado, como apenas visto, a eficácia da missão depende da comunhão eclesial. Comunhão que depende da união com Cristo e que culmina na missão.

De fato, o termo *koinonia* “se traduz em latim, por *communio*: palavra que não vem, como se crê ingenuamente, de *cum unio*, mas de *munere* ou talvez de *cum moeniis*⁵⁴. O termo latino exprime, então, prioritariamente, a participação numa obra comum (comp. Lc 5,4-10)”⁵⁵.

*O espanto se apoderara dele (Pedro) e de todos os que estavam em sua companhia, por causa da pesca que haviam acabado de fazer; e também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros (Koinônoi) de Simão*⁵⁶.

⁵¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 434; AG 3.

⁵² Cf. CONGAR, 1967, p. 1.

⁵³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 102; LG 1.

⁵⁴ *Cum munere* – com a mesma função. *Cum moeniis* – juntos nas fortificações, montando guarda.

⁵⁵ CONGAR, Yves, M-J. Le diaconat dans la théologie des ministères. In: P. WINNINGER, Y. CONGAR (org.). Le diacre dans l'Église et le monde d'aujourd'hui. Col. *Unam Sanctam* 59. Paris: Cerf, 1966. p. 121-141. p. cit. 136.

⁵⁶ Lc 5,10.



O termo *koinônoi*, no texto neotestamentário acima traduzido por companheiros, indica aqueles que compartilham uma mesma empresa, sócios. É nesta perspectiva da comunhão que culmina na missão, cujas origem e consumação são o Pai, que toda a comunidade eclesial é chamada a se engajar corresponsavelmente, assumindo sua ministerialidade batismal. É somente vivendo em comunhão com o Senhor e entre si que os membros de uma comunidade serão presença sempre nova e eficaz. Nova onde já estavam presentes, ou seja, na própria comunidade que assim se renova e atrai, e nova onde estavam ausentes, naqueles ambientes e circunstâncias aos quais são impelidos a partir missionariamente.

É nesta perspectiva da comunhão que culmina na missão, que todos são chamados a compreender a sinodalidade eclesial.

4 A missão do Filho – o modo da missão – AG 3

Embora os esforços humanos à procura de Deus, nas culturas e religiões, sejam inadequados e estejam mesclados de erros, a Igreja sustenta que eles devem ser iluminados, purificados, sanados (AG 3.8.9.14; LG 16.17).

A Igreja, eventualmente, assumiu aquilo que havia de verdadeiro e de bom nos povos, pois, a seus olhos, isso vem de Deus, já se encontra investido por vindas do Verbo e do Espírito. Realmente, “não há dúvidas de que o Espírito Santo já atuava no mundo antes do Cristo ser glorificado”⁵⁷. Certa, então, dessas preparações evangélicas, a Igreja acredita que o Espírito a precede na missão e prepara o campo para acolher a Boa Nova do Reino. Ela também acredita que se Jesus “é o sentido da história, ele não pode estar ausente em nenhum momento da história”⁵⁸. O que, porém, pode acontecer é que não consigamos perceber nesta ou naquela expressão uma preparação evangélica, ou que a idealizemos ingenuamente.

Por isso, a missão não visa apenas sanar um indivíduo “contaminado pelo mal” e não se restringe às pessoas isoladamente. Mas visa iluminar, com a Revelação, tudo o que há de verdadeiro e de bom, as *semina Verbi*⁵⁹, pois reconhece que constituem esforços para chegar a

⁵⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 436; AG 4.

⁵⁸ CONGAR, 1967, p. 4.

⁵⁹ Sementes do Verbo.



Deus que, embora inadequados, são autênticos. À medida que toda uma realidade é alcançada pela luz que emana da Palavra revelada, ela passa a ser purificada e sanada.⁶⁰

As preparações evangélicas indicam, pois, a presença de Deus lá onde sequer se sabe da existência do Evangelho e que, portanto, a missão nunca acontece num vazio. A consciência dessas *semina Verbi* deve levar à assunção de estruturas dialogais. Pois “a Igreja já está em formação mesmo lá onde existe o mandato de ‘semeá-la’”. Além disso, “missão não é unicamente expansão da Igreja, ela é também reunião de tudo o que existe de sementes do Verbo”⁶¹.

De fato, toda a missão de Jesus consistiu num grande diálogo com Israel. Jerusalém, porém, não soube reconhecer o tempo em que foi visitada (Lc 19,41-44). A aplicação missionária da noção de preparação evangélica requer paciência, respeito e, sobretudo, muito diálogo!

Na ordem pastoral, diz *Puebla*, continua válido, “o princípio da encarnação formulado por Santo Irineu: ‘O que não é assumido não é redimido’”⁶². Eis porque Deus entrou na história humana, e o fez “pelo caminho de verdadeira Encarnação”⁶³. Ou seja, ao se encarnar, o Filho não assumiu residualmente a humanidade, mas sua totalidade existencial. Vivendo *com* os que veio salvar, assumiu *tudo* o que salvaria. A missão é muito mais que levar algo a quem está envolto em miserabilidade, é *ser com* os miseráveis.

Trata-se, pois, da radicalidade do movimento quenótico do Verbo-Filho ao se encarnar:

*Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz*⁶⁴.

⁶⁰ Cf. CONGAR, 1967, p. 4.

⁶¹ CONGAR, 1967, p. 4.

⁶² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 143; Puebla 400.

⁶³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 434; AG 3.

⁶⁴ FI 2,6-8.



Como seu Senhor “foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até a morte”⁶⁵. Fala-se, aqui, de um existencial missionário, pois, procedendo do amor-misericordioso do Pai, a missão sempre se endereça a miserável condição de seus filhos e filhas, sobretudo àqueles rechaçados às periferias geográficas e/ou existenciais.

O que o texto de *Ad Gentes* quer diz, é que

*a missão não tem somente uma mensagem de libertação, que ela não consiste somente em levar ajuda: ela é uma vinda à miséria e uma assunção da miséria; ela consiste em ser com (e não somente ao lado ou diante), em comungar, em desposar. A missão do Cristo é outra coisa e mais que o envio de um mensageiro, é uma encarnação, uma hominização, uma assimilação aos homens tais como eles são, pobres e miseráveis (exceto à miséria do próprio pecado)*⁶⁶.

Somente o que é assumido pode ser redimido. Este princípio de raiz cristológica, porque inspirado no mistério da encarnação, ilumina fulgurosamente a missão da Igreja. Ele desautoriza a imposição de algo que desvirtue a natureza de um povo e exige, pastoralmente, a implementação inculturada das ações e, eclesiologicamente, a catolicidade, como acolhimento na comunhão eclesial da diversidade cultural dos povos.

A missão assumida pelo Filho de Deus encarnado indica, então, à Igreja, como levá-la adiante: sinodalmente. Ou seja, promovendo a participação corresponsável de todos os envolvidos, de modo dialógico-comunial. Ora, esse *modus operandi* torna-se inviável se os missionários e missionárias não assumirem conscientemente e com grande empenho um autêntico movimento quenótico, de esvaziamento, sem o qual não conseguiriam ser com, para “caminhar com”, sinodalmente.

A missão, então, é um dinamismo quenótico que visa ser com, para “caminhar com”; é *syn odós*.

⁶⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 438; AG 5.

⁶⁶ CONGAR, 1967, p. 5.



5 A missão do Espírito Santo – alma da missão – AG 4

Na ceia derradeira, Jesus assegurou a seus discípulos e discípulas que não os deixaria desamparados. Ele rogaria ao Pai que lhes desse um outro Paráclito⁶⁷. Para tal, porém, seria preciso que ele partisse. O Espírito Santo foi, então, enviado por Cristo “desde o seio do Pai”⁶⁸. Enviou-o, porque não apenas a sua missão de Verbo encarnado principiaria a missão da Igreja, mas também aquela do Espírito Santo. Por apropriação, essa missão do Espírito na ordem econômica visa entrelaçar todos os seres que amam⁶⁹.

O Espírito Santo, “que é o termo da comunicação intradivina, também é, por apropriação, o princípio da comunicação de Deus à sua criatura”⁷⁰. Três foram as grandes comunicações do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, para engendrar a humanidade assumida pelo Verbo eterno. Foi pela ação do Espírito que o engendramento em nossa carne, na encarnação do Verbo, fez que Jesus de Nazaré fosse também o “Filho do Altíssimo”: “O Espírito virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra; por isso o *Santo* que nascer *será chamado* Filho de Deus”⁷¹.

Também foi pela ação do Espírito o novo engendramento de Jesus no ministério, ao ser batizado nas águas do rio Jordão, fazendo dele o Cristo, o Ungido de Deus, profeta, rei e sacerdote. Com efeito, quando “o Espírito desceu sobre ele em forma corporal, como pomba”, “do céu veio uma voz: ‘*Tu és o meu Filho*; eu hoje te gerei’”⁷². Consequentemente, todo o desdobramento da missão do Cristo é atribuído também ao Espírito Santo: “Jesus voltou então para a Galileia, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a região circunvizinha. Ensinava em suas sinagogas e era glorificado por todos”⁷³. A Unção recebida nas águas do Jordão incidiu de tal modo no Ungido que seus conterrâneos, tendo-o ouvido falar na sinagoga de Nazaré, se perguntavam: “Não é o Filho de José?”⁷⁴.

⁶⁷ Cf. Jo 14,16.

⁶⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 435; AG 4.

⁶⁹ SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. Livro VIII, Cap. 10, parágrafo 14, p. 284.

⁷⁰ CONGAR, 1967, p. 5.

⁷¹ Lc 1,32.35.

⁷² Lc 3,22.

⁷³ Lc 4,14-15.

⁷⁴ Lc 4,22.



A ação do Espírito fez, ainda, que Jesus tivesse “uma humanidade completa de Filho de Deus”⁷⁵. De fato, por sua ressurreição e glorificação o Pai novamente o gerou, constituindo-o sumo sacerdote: “Cristo não se atribuiu a glória de tornar-se sumo sacerdote. Ele, porém, a recebeu daquele que lhe disse: *Tu és meu Filho, hoje eu te gerei...*”⁷⁶. Desde então, feito Senhor, Jesus pode dizer: “toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue”⁷⁷.

Por fim, o Espírito Santo continuou cooperando nos atos salvíficos de Cristo, mesmo depois de sua glorificação, pelo ministério de sua Igreja: “Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”⁷⁸. Na variedade ministerial, “todos dão testemunho da admirável unidade do corpo de Cristo, pois a própria diversidade de graças, de ministérios e de funções agrupa na unidade dos filhos de Deus, já que ‘é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza’ (1Cor 12,11)”⁷⁹. Então,

*toda a execução da missão, desde o anúncio a Maria, passando pelo ministério de Jesus, pelo que ele fez e sofreu (sua Páscoa), e incluindo a totalidade do que se fez na Igreja – palavra e sacramentos – para realizar um povo de Deus no Cristo, se opera pela virtude do Espírito Santo*⁸⁰.

Quanto ao significado de Pentecostes, *Ad Gentes* afirma que foi o evento no qual o Espírito manifestou a Igreja a uma multidão vinda de todas as partes. Manifestou-a missionária, enviada para difundir o Evangelho entre os gentios, para que, por meio de sua própria edificação e difusão, os povos se unam na catolicidade da fé. A Igreja, portanto, existe para a missão, e a missão, por sua vez, visa a fraternidade universal, pois “fala em todas as línguas e todas as línguas entende e abraça na sua caridade, superando assim a dispersão de Babel”⁸¹. Desde Pentecostes, então, “toda a história da missão é aquela da ação do Espírito Santo, ‘Dominum et vivificantem’”⁸².

⁷⁵ CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Creio no Espírito Santo I: revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 52.

⁷⁶ Hb 5,5. Ver também: Rm 1,4; Ef 1,20-22.

⁷⁷ Mt 28,18.

⁷⁸ At 1,8.

⁷⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 150; LG 32.

⁸⁰ CONGAR, 1967, p. 5.

⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 436; AG 4.

⁸² CONGAR, 1967, p. 6.



Mutatis mutandis, em Pentecostes, o Espírito foi para os apóstolos o que fora para Maria na anunciação e para o próprio Cristo no Batismo de João. Impeliu-os à obra do próprio ministério e se lhes associou na missão. Com efeito, Jesus “de tal maneira dispôs o ministério apostólico e prometeu enviar o Espírito Santo, que a ambos associava na tarefa de levar a cabo sempre e em toda parte a obra da salvação”⁸³.

A Igreja, porém, não é apenas uma instituição. “Não há na Igreja somente ministérios instituídos. Há os carismas, que não se lhes opõem, mas conservam sua originalidade”⁸⁴. Em todo o corpo de Cristo, o Espírito distribui carismas e, através deles, suscita iniciativas “para o bem comum” e “a edificação da Igreja”⁸⁵. Por isso, *lato sensu*, toda a Igreja é ministerial, já que a finalidade de cada carisma é tornar-se um serviço ou ministério, e a de todos os carismas juntos é tornar toda a Igreja um organismo disposto para o serviço. Agindo assim, interiormente, o Espírito também infunde em cada membro aquele senso da missão pelo qual conduziu o Cristo e conduz a todos. O Espírito é, pois, como que a alma de todo o Povo de Deus em sua nova condição de Corpo de Cristo.

Mas ele também age exteriormente, pois, soprando onde quer⁸⁶, suscita carismas que se traduzem em iniciativas que desencadeiam processos “sinodais” nas realidades históricas e nas estruturas coletivas e, sobretudo, na atividade missionária.

Portanto, aquilo que foi a encarnação do Verbo eterno para Jesus de Nazaré, um primeiro engendramento no ser Filho de Deus, aponta para o que o reencontro com o mesmo Jesus, agora feito Senhor na ressurreição, significou para a Igreja nascente: o seu engendramento como *Ecclesia*, comunidade reunida em torno do Ressuscitado, Rocha da qual jorra uma Água abundante que a todos sacia⁸⁷. Com efeito, ao encontrá-los, soprou sobre eles o Espírito com vistas à missão de reconciliar o mundo com o Pai⁸⁸.

⁸³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 437; AG 4.

⁸⁴ CONGAR, 1967, p. 6.

⁸⁵ 1Cor 12,7.11; 14,12.

⁸⁶ Cf. Jo 3,8.

⁸⁷ Cf. Nm 20,11.

⁸⁸ Cf. Jo 20,21-22.



Considerando que “as condições de trabalho do Espírito Santo são essencialmente comunitárias⁸⁹”, estava enfim disposto para o ele o campo de sua atuação.

Também aquilo que foram as águas do Jordão para Jesus de Nazaré, nas quais, pela ação do Espírito, sofreu um segundo engendramento que fez dele o Cristo de Deus, indica o significado do Pentecostes para a Igreja que encetava seus primeiros passos na missão: um novo engendramento que a tornou o povo messiânico, crístico, ou seja, ungido para a missão. Desde então e enquanto o pequeno rebanho aguarda o retorno do seu Pastor e Senhor, quando será novamente engendrado para a plenitude da vida, o Espírito Santo, co-instituinte da Igreja e protagonista da missão, caminha com (*syn odós*) o Povo de Deus, agindo conjuntamente com ele e impelindo-o a caminhar na comunhão, sempre com vistas à realização do desígnio do Pai.

6 Sinodalidade

A noção de “sinodalidade” somente pôde reemergir com a superação da ideia de Igreja como sociedade perfeita, oficialmente compreendida como *societas inaequalis seu hierarchica*.

O Vaticano II resgatou a noção de Igreja que perpassa os dois testamentos: povo de Deus. A Igreja é um povo habitado pelo Espírito, seu guia, que segue Jesus Cristo, seu caminho, peregrinando para o Pai, sua origem e sua meta.

Antes de enviar seu Filho e o Espírito Santo, no tempo das promessas e prefigurações, Deus disse o que esperava de Israel: “sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”⁹⁰. Tendo-os enviado, na “plenitude dos tempos”⁹¹, quando as promessas começaram a ser cumpridas e as prefigurações realizadas, Deus disse o que o Novo Israel se tornou: “vós que outrora *não éreis povo*, agora sois o Povo de Deus”⁹².

⁸⁹ CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Vraie et fausse réforme dans l'Église*. Paris: Cerf, 1950. p. 264.

⁹⁰ Jr 30,22.

⁹¹ Gl 4,4.

⁹² 1Pd 2,10. “Vós sois uma *raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade*, a fim de que proclaméis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável” (1Pd 2,9).



Há, pois, uma estreita relação entre a sinodalidade eclesial e a eclesiologia includente do Concílio, expressa na noção “povo de Deus”. De fato, nesta perspectiva, todos os batizados integram este povo, compartilham a máxima dignidade, decorrente da filiação divina, e são, neste povo, agentes ativos.

Este Povo de Deus é um mistério de comunhão⁹³. Mistério em perspectiva paulina⁹⁴, ou seja, desígnio salvífico universal de Deus, o que, nos sínóticos, é chamado de Reino de Deus. Afirmar que a Igreja é Mistério é certificar que ela pertence ao desígnio salvífico de Deus. E, como “mistério” traduz-se em latim por “sacramentum”, conclui-se que a Igreja é sacramento, ou seja, sinal e instrumento do Reino de Deus, do desígnio salvífico do Pai.

A comunhão eclesial expressa-se de muitas maneiras. Sob o prisma da comunhão, a própria Igreja passa a ser entendida como *communio ecclesiarum*, uma Igreja de Igrejas. Mas, a comunhão eclesial se expressa também no cotidiano de cada Igreja local e de todas as comunidades eclesiais que, espontaneamente e através de suas instâncias de diálogo e participação, assumem corresponsavelmente a missão. Em todos estes âmbitos e de várias formas, a sinodalidade mostra-se como “a dimensão dinâmica, a dimensão histórica da comunhão eclesial fundada na comunhão trinitária”⁹⁵.

As Sagradas Escrituras e a Tradição testemunham-no abundantemente: neste povo de Deus, tanto nos tempos da primeira disposição quanto nestes tempos da disposição nova e eterna, sempre houve diversas estruturas finalizadas à promoção da comunhão e da participação, com

⁹³ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 434-435; AG 4, 8, 13-15, 18, 21, 24-25. CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 347-367. p. cit. 354; DV 10. CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 215-240. p. cit. 217-224, 231-233, 234-236, 238; UR 2-4, 14-15, 17-19, 22. CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 539-661. p. cit. 574-575; GS 32.

⁹⁴ Cf. Ef 1,9ss; 3,3-10; Col 1,26ss.

⁹⁵ FRANCISCO. *A sinodalidade deve nos levar a viver intensamente a comunhão eclesial*. Vaticano: 2022. Não paginado. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-pcal-sinodalidade-comunhao-eclesial.html>. Acesso em: 1 jul. 2022.



vistas à missão⁹⁶. Estruturas, portanto, sinodais. Destacam-se, a seguir, algumas dentre as passagens bíblicas citadas pela Comissão Teológica Internacional, no documento *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*.

No Antigo Testamento, duas palavras são utilizadas para indicar o que hoje denominamos “Igreja”: קָהָל/לְקָהָל , *qahal* e ‘edah que significam comunidade ou assembleia do povo de Israel, mas com nuances diferentes. A Septuaginta traduziu *qahal* por *ekklêsía* que, no grego profano, indicava a assembleia política dos cidadãos. O termo passou a ser utilizado também no âmbito religioso, indicando a reunião de homens, mulheres e crianças, para aceitar a decisão de Deus na sua Palavra. ‘Edah foi traduzida por *sinagoghê*⁹⁷. O primeiro termo [לְקָהָל – *ἐκκλησία* – *Ecclesia*] “é a forma originária na qual se manifesta a vocação sinodal do povo de Deus”⁹⁸. Os dois primeiros capítulos do livro dos Números indicam essa conatural sinodalidade do Povo de Deus.

*No deserto Deus ordena o recenseamento das tribos de Israel, a cada um designando o seu lugar (Nm 1-2). No centro da assembleia, único guia e pastor, está o Senhor que se faz presente através do ministério de Moisés (Nm 12; 15-16; Js 8,30-35), ao qual outros são associados de modo subordinado e colegial: os Juizes (Ex 18,25-26), os Anciãos (Nm 11,16-17. 24-30), os Levitas (Nm 1,50-51). A assembleia do povo de Deus compreende não só os homens (Ex 24,7-8), mas também as mulheres e as crianças, bem como os forasteiros (Js 8,33.35). Esta é o partner convocado pelo Senhor toda vez que Ele renova a aliança (Dt 27-28; Js 24; 2Rs 23; Ne 8)*⁹⁹.

Este texto também ressalta a intrínseca relação entre a sinodalidade e a ministerialidade do Povo de Deus. Nele, todos são convocados à participação ativa. Cada um, porém, segundo as funções que exerce a favor deste Povo.

⁹⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 437; AG 4.

⁹⁷ לְקָהָל – *qahal* = congregação, reunião, assembleia convocada por Deus para deliberar. *Qahal* indica o momento ativo da comunidade. הָעֵדָה – ‘edah = também significa congregação, reunião, mas indicando o momento passivo da comunidade ou assembleia que se reúne, sua congregação. É normalmente traduzida em grego por *sinagoghê*. HACKMANN, Geraldo Luiz. *A amada Igreja de Jesus Cristo*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013. p. 24.

⁹⁸ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018. n. 13, p. 18.

⁹⁹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, n. 13, p. 18.



No Novo Testamento destaca-se aquele evento

que a tradição chamou “Concílio apostólico de Jerusalém” (At 15; Gl 2,1-10). Pode-se aí reconhecer a realização do evento sinodal, no qual a Igreja apostólica, em um momento decisivo do seu caminho, vive a sua vocação à luz da presença do Senhor ressuscitado em vista da missão. Este evento, ao longo dos séculos, será interpretado como a figura paradigmática dos Sínodos celebrados pela Igreja¹⁰⁰.

Estes testemunhos bíblicos atestam a presença da índole sinodal do povo de Deus, desde seus primórdios até a assunção de sua atual condição escatológica, como corpo de Cristo e templo do Espírito Santo.

Testemunhos patrísticos e de toda a Tradição eclesial, especialmente daquela do primeiro milênio, corroboram a habitualidade com que as principais questões concernentes à vida e à missão da Igreja eram tratadas sinodalmente. Estes mesmos testemunhos elucidam diversas formas de exercício da sinodalidade e indicam que era vivida nos diferentes âmbitos eclesiais.

Conclusão

O Mistério da Trindade é o ensinamento mais fundamental e essencial na fé cristã. Sendo a Unitrindade divina um mistério de amor, a comunhão é o modo de Deus ser e, portanto, de Deus agir. Deus age segundo o que é. Na imanência divina, o Espírito Santo é o Amor que une o Amante e o Amado, o Pai e o Filho. Na ordem econômica, por apropriação, ele entrelaça todos os que amam. Co-instituente da Igreja, o Espírito tece a unidade de todos os membros do corpo de Cristo com a Cabeça e entre si. Construir comunhão é a especificidade do Espírito Santo.

O povo de Deus é chamado a ser no mundo ícone da Trindade e, como tal, um mistério, sacramento de comunhão com vistas à missão. O povo de Deus é, pois, uma realidade teândrica inteiramente disposta à missão. A comunhão eclesial culmina na missão. À luz do mistério da encarnação do Verbo, a missão é entendida como um movimento que-nótico de inserção inculturada na vida concreta das pessoas e dos povos. Filha da comunhão, a sinodalidade é a operacionalização da comunhão

¹⁰⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, n. 20, p. 21.



na missão. Promover a sinodalidade é dar vazão à irrupção do Espírito de Cristo, artífice da comunhão e protagonista da missão.

A sinodalidade pressupõe, portanto, a superação daquela ecle-siologia que concebe a Igreja como *societas perfecta inaequalis* e o reconhecimento de que todo o Povo de Deus é messiânico: ungido para a profecia, a realeza e o sacerdócio, e dotado da diversidade dos carismas do Espírito. Por isso, cada membro do Povo de Deus é vocacionado a ser agente ativo na missão e, como tal, participante da ministerialidade eclesial. Nesta perspectiva, a sinodalidade é a interação comunitária corresponsável de todas as expressões ministeriais presentes na comunidade eclesial.

De fato, na comunidade eclesial, pela ação do Espírito, todos precisam confluír para a finalidade missionária de dilatar o Reino de Deus. Trata-se, pois, de uma corresponsabilidade que, vivida como contribuição complementar de todos sob a ação do Espírito Santo, é a expressão dinâmica da comunhão eclesial. Uma perspectiva que contrasta com aquela propalada por setores eclesiais neo-clericais.

Estes prefeririam retroceder àquela atitude de *fuga mundi*, pela qual a Igreja, em vez de se lançar, confiante no Espírito e com todas as suas forças, nos caminhos da missão para difundir o Reino de Deus no mundo inteiro, volta-se, amedrontada, a si mesma, confundindo-se de modo ufanista com o Reino, em vista do qual existe.

A sinodalidade é o *modus operandi* por excelência e habitualmente utilizado ao longo dos séculos, para que aconteça a interação orgânica e corresponsável de todas as forças carismático-ministeriais concedidas à Igreja, com vistas à missão.

Como tal, a sinodalidade, por procurar envolver todos os batizados e batizadas na evangelização, não é apenas conveniente em momentos críticos da missão, como na atual conjuntura, na qual o desafio da secularização encontra a Igreja ministerialmente enfraquecida, pela escassez de ministros ordenados, mormente de presbíteros. A sinodalidade, ao efetivar a comunhão na missão, é necessária para que a Igreja realmente seja um sinal sacramental erguido entre as nações. Com efeito, toda a Igreja é um mistério de comunhão ministerialmente disposto à missão. Ademais, a sinodalidade na Igreja, como conjugação de todas as suas forças ministeriais, é imprescindível para que o Evangelho, destinado ao mundo inteiro, atinja todas as suas realidades, em todos os seus meandros.



Referências

ASSEMBLEIA Eclesial aponta 12 desafios pastorais para a Igreja na América Latina e no Caribe. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/assembleia-ecclesial-aponta-12-desafios-pastorais-para-a-igreja-na-america-latina-e-caribe/>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BULLMANN, Raymond. *Aggiornamento*. In: FASTIGGI, Robert (dir.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Gale, 2010.

CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: Edições CNBB, 2013.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 101-197.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 347-367.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 539-661.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 431-489.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 215-240.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.



CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2007.

CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Vraie et fausse réforme dans l'Église*. Paris: Cerf, 1950.

CONGAR, Yves, M-J. Le diaconat dans la théologie des ministères. In: P. WINNINGER; Y. CONGAR (org.). *Le diacre dans l'Église et le monde d'aujourd'hui*. Col. *Unam Sanctam* 59. Paris: Cerf, 1966. p. 121-141.

CONGAR, Yves M.-J. Principes doctrinaux. In: CONGAR, Yves M.-J. (org.). *Vatican II: l'activité missionnaire de l'Église*. Col. *Unam Sanctam* 67. Paris: Cerf, 1967. p. 185-221.

CONGAR, Yves M.-J. *Jalons pour une théologie du laïcat*. Paris: Cerf, 1969. p. 86-87.

CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Creio no Espírito Santo I: revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA, J. R. Koinonia e sinodalidade na direção da Igreja. *Vida Pastoral*, São Paulo, n. 110, p. 7-15, 1983.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANCISCO. *A sinodalidade deve nos levar a viver intensamente a comunhão eclesial*. Vaticano: 2022. Não paginado. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-pcal-sinodalidade-comunhao-eclesial.html>. Acesso em: 1 jul. 2022.

HACKMANN, Geraldo Luiz. *A amada Igreja de Jesus Cristo*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013.

HIDEBRAND, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2008.

RAHNER, Karl. *O Deus trino, fundamento transcendente da História da Salvação. *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica*, Petrópolis, Vol. II / 1, p. 283-310, 1972.

RIVAS, Luis Heriberto. *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulinas, 2001.



SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. Livro VIII, Cap. 10, parágrafo 14, p. 284.

SUESS, Paulo. *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.